

QUADROS DE GUERRA: QUANDO A VIDA É PASSÍVEL DE LUTO

BUTLER, Judith. Política sexual, tortura e tempo secular. Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p.151-196.

Paulo Henrique Mazzoni Mota *

É impossível tratar da denominada “Política Sexual”, tal como se apresenta no capítulo III da obra *Quadros de Guerra*, sem primeiramente abordar o conceito de Tempo e a forma como o interpretamos em nossa sociedade. Ao tratar da ideia de tempo, Judith Butler vem nos mostrar que tal conceito não é estanque e linear, mas sim, um emaranhado de histórias que se cruzam ou não com outras histórias, surgindo-se assim indagações sobre a utilização do termo progresso e modernidade. Tais conceitos, se analisados por uma perspectiva linear deveriam indicar avanços, deixando um tempo passado para trás, superando seus problemas e progredindo, alcançando-se então a almejada Modernidade, porém, Butler ao desconstruir os presentes conceitos, mostra que a acepção atual de Progresso indica “estar acima”, ser superior a uma dada cultura que fica considerada como pré-moderna, é assim, pressuposto de autolegitimação. Sendo assim, ao se tentar alcançar o ideal de Modernidade, surgem-se indagações como “Quem chegou à Modernidade e quem não chegou? ”, “Todo estamos no mesmo tempo? ”.

Para Judith Butler, a política sexual não se encontra à margem da discussão sobre o tempo, mas sim no centro e em muitos casos, é usada como “fonte de Modernidade” pelo poder estatal, visto que a Europa tenta associar seu Continente como Moderno pois é um local em que se permite o “radicalismo sexual”. Ou seja, para Butler o problema não está na existência de inúmeras temporalidades e culturas distintas, mas sim, na utilização por

* Graduando em Direito na Faculdade Mineira de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, extensionista no projeto Parlamento Jovem; estagiário na Procuradoria geral do município. Membro do GPFEM.

algumas culturas desse ideal de “modernidade progressiva” para se tentar manter ou criar hegemonias.

Butler neste capítulo, atenta também para a ligação entre liberdade e progresso temporal, uma vez que o ideal disseminado seria o de que a Liberdade é algo que surge através do tempo, ou seja, do progresso na História, sendo tal ligação atualmente denominada por representantes da política pública como Modernidade; para a autora o perigo está no uso de tal aceção de liberdade como fundamentação lógica para certas práticas coercitivas.

Explicitamente, Butler nos apresenta a necessidade de evitarmos a instrumentalização da liberdade sexual como forma de poder e domínio de Estados perante outros, de Ideologias perante outras, como exemplo a autora nos mostra duas situações claras da instrumentalização da liberdade sexual, sendo elas as práticas anti-islâmicas e a escolha de imigrantes para a Holanda. Respectivamente, a utilização da liberdade sexual das mulheres e liberdade de expressão de lésbicas e gays sendo usadas como ataque cultural pelos Estados Unidos da América ao Islã; já na Holanda a imposição de se aceitar homossexuais pelo Estado vem no intuito de se associar a aceitação da homossexualidade à Modernidade, ou seja, só é moderno quem aceita a homossexualidade. Nos dois casos torna-se clara, assim, a tão abominada instrumentalização da liberdade sexual pelos Estados. Este é o principal questionamento de Judith Butler, a Instrumentalização de Lutas Sociais em prol da Liberdade Sexual.

Um outro ponto a ser analisado no que tange à política sexual é a forma como o conceito de Cultura condiciona e interfere no implemento de novas políticas; um exemplo dado por Butler é a França, em que tanto a política de comunidades imigrantes quanto a formulação de novas famílias, são rechaçadas pela noção de Cultura, em que se transformaram o preconceito em Cultura, sendo assim, para os franceses, opiniões divulgadas pela mídia em que crianças filhas de casais homossexuais teriam tendência a problemas psicológicos, gera uma relação simbiótica, racista, xenófoba e sexista na qual o preconceito, mascarado de cultura, gera intolerância, que gera preconceito, novamente mascarado de cultura, trazendo assim um cenário de difícil mudança; o mesmo ocorre com populações imigrantes, em que a não aceitação de imigrantes, gera xenofobia, que se

“transforma” em cultura, repetindo, assim, o processo de impossibilidade de implantação de novas políticas. Neste diapasão, afirma Butler:

A recusa em conceder reconhecimento jurídico aos direitos parentais dos casais gays funciona em conjunto com as políticas de Estado anti-islâmicas no sentido de sustentar uma ordem cultural que mantenha a normatividade heterossexual ligada a uma concepção racista de cultura (BUTLER, 2015, p. 169).

Por fim, Judith Butler trata da noção de tortura não apenas como modo de humilhação e degradação do povo islâmico, mas sim, como forma de se criar hegemonia, suprimindo assim a cultura árabe, ao se expor fotos de mulheres árabes sem os véus por exemplo, estão na verdade não apenas humilhando, mas diminuindo coercitivamente uma cultura inteira. Neste ponto, podemos fazer uma analogia com o Livro “Pornography and the Civil Rights” de Catherine MacKinnon em que esta afirma ser a pornografia uma forma de supressão da figura feminina, mascarada de liberdade de expressão. Logo, tanto a tortura, quanto a pornografia, são, mascarados de legitimação, modos coercitivos de se criar hegemonias.

Fazendo um paralelo com a questão do conceito de Modernidade e a forma como é usada, há de se perceber que a França, assim como diversos países europeus que se dizem estar na Modernidade, criticando veementemente países não modernos como o Islã se mostram iguais ou até mesmo piores, uma vez que sua modernidade (hegemonia) vem da supressão da cultura islâmica, logo, Butler, propositalmente, nos faz indagar a real distinção entre essas culturas que se dizem tão opostas, ora, a França e o Islã possuem uma sociedade machista e patriarcal em que o homem é quem é capaz de passar valores às novas gerações, ambas as culturas não aceitam a diversidade sexual, ambas as culturas possuem uma extrema xenofobia com países e culturas a eles distintas, e, acima de tudo, ambas possuem “explicações” e “fundamentos” para tais políticas racistas, sexistas e xenófobas, fica-se a indagação, por fim, sobre onde se encontra tamanha distinção entre esses diversos países em que uns são legitimados a se chamarem Modernos e outros não.